

**A Gazeta – 12/07/2012**

**Ginástica financeira**

**Coluna Angelo Passos**

O governo faz ginástica para injetar liquidez no mercado. O segundo lote de restituição do Imposto de Renda Pessoa Física de 2012 coloca R\$ 2,6 bilhões no bolso de 2,4 milhões de declarantes. É recorde. Já a soma das restituições em junho e julho atinge R\$ R\$ 5,1 bilhões, equivalentes a 36% de tudo o que a Receita deverá devolver até dezembro.

Esse balde de dinheiro se mistura com o oitavo corte seguido na Selic, reforçando a esperança de mais atividade econômica nos próximos meses. Com a taxa básica em 8% ao ano, o Brasil passou a ter juros reais (após o abatimento da inflação prevista para os próximos 12 meses) pouco acima de 2% ao ano. Ótimo, mas em outras circunstâncias, seria muito maior o impulso da economia real, mais atrativa do que a financeira. Hoje, nem tanto.

O juro está deixando de ser entrave ao investimento. Isso é bom, mas apenas as taxas menores, como medida isolada, não farão as empresas brasileiras competir em condições de igualdade com as do exterior. Há necessidade de remover obstáculos estruturais. A iniciativa privada espera para "ontem" a realização de algumas promessas. Entre elas, a redução do PIS/Cofins - tributos que afetam investimentos pois incidem sobre o faturamento das empresas.

A queda do preço da energia também é reivindicada com urgência. A via que leva a esse resultado é o corte da carga tributária. Dados do **Instituto Acende Brasil** mostram que os encargos e impostos representam 45,36% do total da conta de luz. Beira o absurdo. O recuo da Selic diminui o custo da rolagem da dívida da União. É uma oportunidade para alterar a teia dos impostos e melhorar a capacidade de competir da nossa economia.

O governo Dilma mergulhou numa situação econômica desconfortável. Sua taxas de crescimento são as menores em quase 20 anos. Após o pibinho de 2,7% em 2011, a taxa de 2012 deve chegar no máximo a 2%, o que dará média de 2,3% ao ano, abaixo dos percentuais nos dois primeiros anos de Lula e de FHC. O Brasil torce para sair desse atoleiro, mas é difícil engolir o discurso de que uma grande nação não se mede pelo PIB.